

PRELIMINAR 1 - DANIELA CHATELARD

a) Do tempo

Tempo: é preciso. “É preciso tempo para fazer-se ser”¹[1]. Se é preciso tempo, é porque uma psicanálise acontece por uma suposição. Ela consegue “desfazer pela palavra o que se fez pela palavra”: é a transmissão de Jacques Lacan em seu seminário “*O momento de concluir*”. O tempo interroga a psicanálise, o tempo é interrogado pelos psicanalisandos, o tempo faz questão para o ser falante, para o ser do tempo, para o *ser-para-morte* (Heidegger). Em *As Confissões*²[2], Santo Agostinho se refere à *experiência vivida*, manifestando-se no entrelaçamento da temporalidade entre o passado, o presente e o futuro. Ao interrogar sobre o ser, é no tempo que Heidegger vai buscar repostas sobre o *Dasein*, o “ser-aí”. O *ser-aí* é situado numa trama temporal: no passado sob a forma do “ser-sido”, isto é, a maneira como o *Dasein* volta ao passado; o “por vir” ou devir, isto é, uma antecipação no presente num tempo ainda a advir; e, enfim, o “estar em situação”, refere-se ao presente. Tempo é preciso para que a elaboração do traumático se constitua numa psicanálise. Tempo que marca uma ruptura no ser temporal e histórico no a-temporal do sujeito do inconsciente. Marca uma ferida e funda o tempo do traumático na *falácia* do ser. O *dasein*, como o *ser-aí*, se faz presente *em si*. O trabalho do tempo do traumático é vivido na experiência, está presente no tempo analítico e é atualizado na transferência.

Em termos temporais, sabemos o quanto é precioso para a psicanálise a referência ao *futuro anterior*, no *só-depois* da elaboração

1[1] Lacan. in Radiophonie (1970). In: *Scilicet 2/3*. Paris:Seuil, (1970, p.78).

2[2] Santo Agostinho. *As confissões*. Livro 11, cap. XIV. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Ed. De Ouro, 1970.

simbólica. O tempo para compreender implica o tempo para a passagem ao simbólico. Assim sendo, essa assunção falada de sua história lhe permite "reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir"³[3]. É preciso tempo! Lacan já nos dizia: é preciso tempo para se chegar ao momento de concluir! *É preciso tempo para fazer-se ser*⁴[4], *para habituar-se ao ser*, é a transmissão de Jacques Lacan em Radiofonia. Esse trabalho de *a-parição* do ser, de parir o ser, é todo um processo de *Durcharbeitung* — perlaboração de uma psicanálise. Os diversos desvios e os contornos sucessivos nos quais a experiência da *talking cure* é vivida pelo sujeito permitem que ele progrida rumo ao registro simbólico, realizando pela fala os diversos remanejamentos que chegarão ao registro do real em consequência desse processo de *Durcharbeitung*. Lacan já nos dizia: é preciso tempo para se chegar ao momento de concluir! Estamos falando do surgimento de uma subjetividade que vai acontecendo segundo os tempos *futuro anterior e a posteriori*.

Jacques Lacan intitulou o seu antepenúltimo seminário *Momento de Concluir* e, depois, seu último seminário, *A topologia e o tempo*. Ora, são dois seminários que não apenas tocam na questão do tempo, mas, sobretudo demonstra aos seus ouvintes e leitores o tempo daquele que elabora e profere estes seminários: o sujeito da enunciação que habita o homem Lacan com seu estilo único. Jacques Lacan inaugura o seu *Momento de Concluir* dizendo aos seus ouvintes: A psicanálise é uma prática. "Uma prática que durará o que ela durará, é uma prática de palavrório" e mais adiante, prossegue: "Isto não impede que a análise tenha consequências: ela diz alguma coisa". O que quer dizer: 'dizer'? 'Dizer' tem algo haver com o tempo. Este tempo que nodula-se ao dizer é o tempo necessário para *parir o ser*; para que algo do ser aceda à fala,

3[3] Lacan. Função e campo da palavra e da linguagem..., in: *Escritos*, p. 257.

4[4] Lacan, J. in *Radiophonie*, p. 78 in *Scilicet 2/3*, Seuil, Paris, 1970.

ao *fala-ser*. É preciso tempo para que o "inconsciente articula-se daquilo que do ser vem ao dizer" ⁵[5].

Podemos assim nos remeter à clínica, ao desejo do analista. O desejo do analista implica escutar o que o tempo *a-posteriori* vivido no presente traz como efeito retroativo da antecipação que traçou o destino do sujeito a partir da escrita deixada em seu ser de objeto do desejo do Outro. Desejo do analista a partir do qual ele opera sua escuta, possibilitando que a escrita de seu analisante torne-se, enfim, sua própria escrita, tornando o tempo do *futuro anterior* que antecipara seu destino num *momento de concluir* e transformando, assim, essa escrita num traço do sujeito. A locução *futuro anterior* significa que, num *a-posteriori*, um sentido é dado ao anterior.

DANIELA SCHEINKMAN CHATELARD

⁵[5] LACAN J. Radiophonie en Scilicet 2, p. 79, Seuil, Paris.